

CORPOS FORA DO LUGAR: TENSIONANDO AS EXPECTATIVAS DE GÊNERO NA INFÂNCIA DAS MENINAS A PARTIR DO CINEMA

Daniela Finco¹
Fernanda Theodoro Roveri²

Resumo: O cinema, potente veículo cultural, possibilita interpretações entrelaçadas por emoções, memórias e imaginação, sendo um espaço volátil que permite construir novos pontos de vista. A partir do filme *Pequena Miss Sunshine*, analisamos as representações de gênero, corpo, sexualidade e infância, abordando como a sociedade coloca características e comportamentos aceitos e desejáveis às meninas. Problematisa o que significa ter um corpo considerado fora do lugar e dos padrões esperados. Busca desconstruir essas imagens e tensionar as expectativas de gênero desde a tenra infância. A análise sobre o poder que permeia a vida das crianças impulsiona o desafio da criação de um “outro lugar” para compreender as infâncias e os processos educativos.

Palavras-chave: Cinema; Gênero; Sexualidade; Corpo; Meninas.

Bodies out of place: tensioning gender expectations in girl's childhood from the cine

Abstract: The cine, a powerful cultural vehicle, enables interpretations intertwined with emotions, memories and imagination, being a volatile space that allows the construction of new points of view. From the film *Little Miss Sunshine*, we analyzed the representations of gender, body, sexuality and childhood, addressing how society accepted and desirable characteristics and behavior on girls. It problematizes what it means to have a body considered out of place and expected standards. It seeks to deconstruct these images and to tension gender expectations since early childhood. The analysis of the Power that permeates children's lives drives the challenge of creating "another place" to understand childhood and educational processes.

Keywords: Cine; Gender; Sexuality; Body; Girls.

¹Universidade Federal de São Paulo. E-mail: dfinco@unifesp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5731-1091>

²Universidade Estadual de Campinas. E-mail: ftroveri@unicamp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2916-6827>

INTRODUÇÃO

O cinema é um artefato cultural potente que faz parte de nossas vidas e possibilita novos pontos de vista e diferentes modos de ir além. Os filmes nos provocam de diversas formas, é um potente veículo cultural, possibilitando interpretações entrelaçadas por emoções, memórias e imaginação, mesclando-se ao que somos, fazemos e pensamos.

Neste artigo, tomamos o cinema como possibilidade para analisar as representações de gênero, corpo, sexualidade e infância. A partir do filme *Pequena Miss Sunshine* (EUA, 101 min., 2006), buscamos compreender como a sociedade coloca características e comportamentos aceitos e desejáveis às meninas, problematizando o que significa ter um corpo considerado fora do lugar e dos padrões esperados. Buscamos, assim, desconstruir essas imagens e tensionar as expectativas de gênero desde a tenra infância.

O cinema é um veículo que permite estabelecer contrapontos, novas relações e alargar o conhecimento de si e do mundo, imaginando-o de outros modos. Nesse sentido, é possível refletir acerca de quais conhecimentos o cinema permite? Suas imagens podem ser vistas e interrogadas, tanto a partir do que enunciam quanto do que velam. Para além do aspecto visível, a imagem

[...] é uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares - fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles - que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes (DIDI-HUBERMAN, 2012).

O cinema é este braseiro que arde, nos provoca e afeta de diferentes modos. Ele permite a cada um(a) de nós trazermos interpretações e compreensões, entrelaçadas por nossas emoções e imaginação. Conforme destaca Milton José de Almeida (1999, p. 23),

o cinema, participa, em passado e atualidade, da educação misteriosa da nossa memória, nas imagens que habitam os nossos locais interiores mais profundos onde o corpo e a psique confrontam-se em reminiscência e recordação.

De acordo com Elizabeth Ellsworth (1997 apud LOURO, 2008), estudiosa feminista, teórica do cinema e educadora, entre o filme e o público se passa alguma coisa que escapa a qualquer previsão: existe aí um

“espaçolovolaútil”, “uma dinâmica que é incontrolável”. Esse espaço da imprevisibilidade ou mesmo desajuste permitido pela experiênciacinematográfica é muito instigante e talvez possa ser considerado o espaço mais criativo do processo educativo.

Pensar no cinema, a partir das pedagogias culturais, permite olhar para os processos educativos como instâncias que veiculam e produzem modos de ser e de se relacionar no mundo. Os artefatos culturais tais como o cinema, a televisão, as revistas, voltam-se diretamente para os corpos dos sujeitos, funcionando como mecanismos de representação e constituidores de identidades, educando as crianças e expressando as diferenças, reproduzindo ou tensionando as dicotomias de gênero.

As fortes simbologias presentes nestes artefatos carregam consigo valores e concepções culturais necessárias de serem questionadas. A discussão nos provoca examinar as instâncias de reiteração da heteronormatividade, como um conjunto de normas, regras, procedimentos que regula e normaliza não apenas as identidades de gênero, mas também as identidades sexuais, estabelecendo maneiras usuais de ser, modos de comportamento, procedimentos determinados e atitudes. Para isso, nas esferas educativas, é fundamental que superemos os aspectos do prazer, do deleite e do divertimento que as imagens e representações veiculadas por esses artefatos produzem (FINCO e ROVERI, 2021, p. 121).

O exercício de olhar para o filme *Pequena Miss Sunshine* (*Little Miss Sunshine*), dos diretores Jonathan Dayton e Valerie Faris (2006), nos trouxe possibilidades para pensarmos as representações de gênero, corpo e sexualidade na infância, bem como a produção de significados culturais (SABAT, 2002). Diferentemente dos filmes que encontramos em grande parte pela mídia, percebemos questionamentos sobre hábitos, atitudes e comportamentos que são valorizados, prescritos e legitimados de maneira hegemônica.

A análise do filme nos permite compreender e problematizar como os corpos de meninas passam, desde muito pequenos, por um processo de feminilização responsável por torná-las “mocinhas”. O conceito de gênero é, desse modo, operacionalizado neste ensaio, permitindo focar nosso olhar para a desconstrução de um minucioso processo que tem como foco o

questionamento de um modelo tradicional para meninas baseado na meiguice, na delicadeza, na ternura e na beleza, elementos considerados eminentemente femininos em nossa sociedade.

Com um enredo original, inteligente e carregado de aspectos simbólicos, o filme *Pequena Miss Sunshine* nos ajuda a compreender e analisar a especificidade do feminino, os espaços ocupados pelas meninas e a dimensão de gênero presente na corporeidade. Traz à tona os estereótipos de gênero naturalizados e, ao mesmo tempo, uma criativa possibilidade de desconstrução da ordem social do gênero que tenta projetar uma única forma de feminilidade. Revelando uma corporeidade feminina extravagante e transgressora, o filme apresenta o percurso de uma menina que vai à conquista de seu sonho, se libertando de tudo aquilo que poderia ser um obstáculo à liberdade de ser, de agir e de pensar.

O sonho da menina Olive de ganhar um concurso de beleza mostra-se repleto de dilemas, esforços, imprevistos e contratemplos para sua realização. Ela contagia e une a família em torno deste objetivo, fazendo com que todos encarem juntos uma viagem adversa em uma Kombi, do Novo México até a Califórnia, por três dias.

A família de Olive, em geral fora dos padrões do que costuma ser normatizado pela sociedade, possui, como cada um de nós, sonhos, fraquezas, conflitos, perdas e outros sentimentos os quais nos permitem aproximações e identificações.

Nas primeiras cenas da trama, a menina assiste a um vídeo gravado da premiação do concurso de Miss Califórnia e, com o firme propósito de um dia também tornar-se Miss, repete cada gesto que vê das candidatas que recebem a premiação, projetando-se na realização deste desejo. Porém, quando o enquadramento da cena se amplia, é possível ver o corpo de Olive em contraposição aos das modelos do concurso: ela é uma criança fora dos padrões e atributos físicos desejáveis para uma Miss. Ainda assim, a menina mostra-se obcecada para também alcançar um lugar de destaque.

A mesma obsessão pelo sucesso é demonstrada como uma característica de seu pai, Richard, profissional empenhado a propagar o método de autoajuda “Recuse a Derrota”, um meio de vencer no ambiente capitalista. Porém, o fracasso do método é visível quando Richard o apresenta e recebe poucos aplausos. Sua incumbência na trama é conduzir o veículo e sua família para a

cidade onde acontecerá o Concurso de Miss Califórnia e, assim, proporcionar à Olive a oportunidade de tentar realizar seu desejo, acreditando que seu método de autoajuda possa ser a referência a ser seguida pela filha.

Seu irmão, Dwayne, também possui um sonho: tornar-se piloto da força aérea. Ele somente aceita participar da viagem com a promessa de que, na volta, poderia entrar na academia de aviação. Para isso, o jovem dedica-se à prática de exercícios físicos e toma como princípio o voto de silêncio para com sua família. Mas, no decorrer do filme, seu projeto não é realizado, já que descobre um problema de visão que o impede de prosseguir na carreira almejada.

O avô, Hoover, pai de Richard, apresenta-se em constante busca pela construção de sua identidade. Tem um lugar relevante no incentivo à realização do sonho de Olive: é ele o responsável por ajudar a preparar a coreografia que a garota apresenta no concurso. Oferece, como repertório para a neta, experiências sexualizadas de filmes, músicas e revistas pornográficas. Sua morte, no decorrer da trama, pelo uso de cocaína, é um elemento que irá reunir os desejos e sentimentos de cada membro da família.

Sheryl, a mãe, é uma mulher representada em conflito com a ordem patriarcal: fuma, dirige seu carro e compra fast food para o almoço da família. A personagem apresenta-se em conflito com a dificuldade de auto realização e o exercício do papel social materno, demonstrando, na trama, o desejo de que sua filha não se frustre por não poder participar do concurso.

Frank, o tio homossexual, está em depressão e passa a ser cuidado pela família após tentativa de suicídio, ocasionada sobretudo pelo fracasso no relacionamento amoroso e na carreira acadêmica. No decorrer da trama, o pai de Olive procura esconder dela o motivo pelo qual o tio passa a morar com a família, acreditando que o tema do suicídio seja inapropriado para uma criança, algo incoerente se pensarmos que a menina tem sua autorização para participar de um concurso de Miss.

A história desses diferentes personagens nos faz pensar nos diferentes modos de ser criança, adolescente, pai, homem, homossexual, mulher, mãe e idoso em nossa sociedade. Os enredos e as características dos(as) personagens permitem um olhar para as diferentes corporalidades, os diversos modos de agir, de se relacionar com o outro, de pensar e de sentir que não se assentam em lógicas binárias. Como bem analisa Rosa Fisher (2008, p.54)

são várias as cenas em que as questões de gênero e sexualidade são apresentadas para além das continuidades esperadas – e é nesse momento que emerge o outro, aquele que é diferente de nós, já que nos é de algum modo estranho, pois assim é exposto.

O enredo, os estereótipos e as dicotômicas representações hollywoodianas, com seu caráter dinâmico, trazem diferentes identidades e jeitos de ser, revelando ao mesmo tempo um processo de desconstrução que nos coloca em tensão e provoca diversos questionamentos.

O filme também põe em foco a discussão sobre o modelo norte-americano de consumo, de beleza e de infância, também fortemente expressado às meninas de nosso país. A adultização e erotização do corpo infantil, a idealização de um padrão de beleza e de sedução são propagadas em diversas mídias e causam grande ansiedade e insatisfação com o corpo desde a infância. Apresentaremos, a seguir, uma reflexão acerca de alguns destes questionamentos, buscando uma compreensão mais ampla das expectativas de gênero que se desenham nos processos educativos desde a tenra infância.

LENTE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

O conceito de gênero (SCOTT, 1995, p. 86) revela diferentes facetas de análise, fazendo-nos questionar “que representações simbólicas são invocadas, como, e em quais contextos?” e provocando a pensar sobre o que os símbolos contidos nos cenários, nas personagens e tramas nos evocam. A categoria de análise permite refletir acerca dos conteúdos que nos são transmitidos sobre masculinidades e feminilidades, trazendo o desafio de apontar o quão provocador é desnaturalizar a “fixidez” socialmente construída. Também nos fornece pistas para compreender o aspecto relacional do conceito de gênero e pensar na pluralidade das formas de ser homem e mulher, menino e menina, bem como sobre a vigilância que se dá sobre seus corpos e gestualidades.

Pensar a partir da “proposta desconstrutiva”, lançada pela historiadora Joan Scott (1995) nos permite olhar para o rompimento das dicotomias de gênero. A desconstrução das dicotomias significa problematizar a constituição de cada pólo, demonstrar que cada um, na verdade, supõe e contém o outro; mostrar que cada pólo não é único, mas plural; mostrar que cada pólo é internamente fraturado e dividido. Ao propor a desconstrução, Scott (1995) demonstra que o pensamento moderno é marcado por dicotomias: presença/ausência, teoria/prática, ciência/ideologia, homem/mulher, etc. “Neste

jogo das dicotomias, os dois pólos diferem e opõem-se, marcando a superioridade do primeiro elemento" (SCOTT, 1994, p.13). É dentro desta lógica que aprendemos a pensar; a proposta que se coloca, porém, é a da desconstrução das dicotomias.

O conceito de gênero possibilita a introdução da discussão sobre a desconstrução do antagonismo masculino/feminino. A desconstrução trabalha contra a lógica de que existe um lugar fixo e "natural" para cada gênero, levando a perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa.

A desconstrução sugere que se procurem os processos e as condições que estabeleceram os termos de polaridade. Supõe que se busque a origem da polaridade e a hierarquia nela implícita. Desmonta, assim, a lógica dualista que rege as polaridades, demonstrando não apenas a ideia de que cada um dos pólos masculino e feminino está presente no outro, mas também que as oposições foram e são historicamente construídas. A desconstrução dos pólos masculino e feminino traz uma proposta de reflexão e nos aproxima das formas como as crianças se relacionam face às diferenças de gênero na infância.

Significa, ademais, refletir sobre os processos conflitivos através dos quais se estabelecem os significados de gênero, para as formas através das quais o gênero adquire a "aparência de fixidez". Assim, o conceito de gênero nos abre a possibilidade de pensar de outras formas as diferenças e tentar perceber o quanto estamos atribuindo a outros tempos ou a outras culturas nossas próprias concepções.

Desse modo, podemos, por meio do filme, problematizar as construções simbólicas que apóiam os estereótipos femininos e desenvolver uma análise crítica, apontando para a diversidade de gênero na infância. Além disso, podemos colocar em foco a discussão do modelo norte-americano de consumo, de beleza e de infância, também fortemente expressado às crianças de nosso país.

A adultização e erotização do corpo infantil, a idealização de um padrão de beleza e de sedução são propagadas em diversas mídias e causam grande ansiedade e insatisfação com o corpo desde a infância. Essas problemáticas são evidenciadas na história da menina Olive, que não possui um corpo considerado dentro do lugar e dos padrões desejáveis ao concurso de miss infantil. O desejo da personagem revela o desejo de meninas do mundo todo

que buscam sucesso nesses concursos, vivendo suas infâncias preocupadas em atingir a visibilidade e um determinado padrão de beleza.

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra (LOURO, 2008, p. 22).

Os corpos ganham sentido socialmente e é no contexto de uma determinada cultura que as masculinidades e feminilidades são construídas. A sociedade, em suas diversas instâncias, reafirma características e comportamentos aceitos e desejáveis. O concurso de miss infantil certamente constitui um lugar de produção desses corpos. Para que seja exibido em um espetáculo visual, esse corpo precisa ser investido de técnicas, educado e moldado. Por meio da obsessão e do sofrimento, as marcas de suas singularidades e daquilo que escapa à padronização também precisam ser removidas.

É necessário refletir sobre como esses sentidos são construídos a partir de investimentos que estão presentes na infância, atravessados por discursos midiáticos e práticas de consumo, baseados em valores estéticos padronizados, que ensinam normas de como tornar-se belo ou bela, destinadas tanto ao feminino quanto ao masculino (SALGADO e FERRARINI, 2012). Ao analisar os artefatos culturais, podemos perceber que não há idade para começar a produzir o corpo conforme os padrões sociais aceitos e desejáveis: quanto mais cedo, mais eficazes são os resultados. Isso já se reflete na produção de brinquedos e outros produtos consumidos pelas crianças.

A pesquisa de Bianca Guizzo (2010) também nos dá pistas para problematizar este processo na educação das crianças. Aponta que, nas sociedades contemporâneas, são muitos os âmbitos educacionais que disputam discursivamente o poder de produzir e fixar nos corpos quem é educado, belo, sadio, adequado, perfeito, em boa forma, em boa aparência, etc. produzindo, assim, representações do é socialmente mais aceitável em termos de beleza. Esses âmbitos possibilitam discutir a construção das identidades de gênero, raça, geração, classe social, sexualidade, nacionalidade dentre outras.

Desse modo, nossas identidades são forçadas na cultura, por uma disputa constante de poder, e nos fornece ferramentas para a análise de artefatos que permeiam as arenas culturais na produção das identidades(GUIZZO, 2010, p.111).

Durante o filme, a complexidade das histórias de vida e das experiências de cada personagem nos provoca olharmos além, em seus conflitos, contradições e potencialidades. Pelas lentes de Olive, nos é mostrado um mundo em que meninas perseguem o desejo de corresponderem aos padrões considerados de sucesso: ter um corpo belo, na moda, feminino, sedutor, jovem e magro. Sob a ótica de gênero, as meninas que não se adequam a estes padrões estéticos, estão fora da possibilidade de serem notadas, exibidas e valorizadas socialmente. Fascinada por ocupar este lugar, Olive também se esforça para ganhar visibilidade. A figura do avô, que também escapa aos padrões do que é esperado de uma pessoa idosa, ou seja, o “bom velhinho”, surge na trama para evidenciar todos estes padrões, descortinando o processo de sexualização da infância por parte do adulto.

A coreografia que Olive apresenta no concurso é escolhida e ensaiada pelo avô: uma dança sensual que imita o *streape-tease*, escapando do modelo tradicional de gênero, relacionado à um ideal do mundo adulto que quer a menina comportada, tranquila frágil, com gestos controlados e o mais comedido possível. Elemento surpresa do filme, a dança de Olive é o que choca os organizadores do concurso e não todo o processo de adultização dos corpos das meninas. Olive, fora dos padrões esperados para o concurso, surpreende ao tensionar infância e idade adulta, exibindo o espetáculo de um corpo que não quer ser visto em pureza e inocência, mas em volúpia. Diante de suas próprias contradições, os adultos se escandalizam ao verem Olive dançando. Seus gestos e expressões nada mais são do que o ápice daquilo que todos aqueles corpos adultizados de meninas poderiam representar.

Vivemos atualmente um processo de *Pinkization*, ainda mais do que antes, uma tendência de colorir de rosa tudo o que pertence ao território feminino: rosa para roupas e brinquedos femininos, rosa para objetos e acessórios femininos. Um processo que se utiliza de muitos artifícios para manter a ordem do gênero, uma ordem estritamente binária que não envolve transgressão e que enjaula não só o feminino, mas também, ou talvez acima de tudo, o masculino (ABBATECOLA e STAGI, 2017).

Os sentidos socialmente atribuídos às cores afirmam experiências binárias de viver em sociedade. As cores também são elementos que educam corpos e sensibilidades, participando dos jogos de linguagem e de poder (PASTOUREAU e SIMONNET, 2005). São empregadas para representar características humanas, conforme contextos socioculturais e históricos específicos. Como elemento da cultura, a cor demarca sentimentos e ações, tais como pureza, discrição, luto, afeto, alegria, audácia, dentre outros (ROVERI, 2014).

Neste conjunto de comportamentos e sentimentos, a cor define também a ordem do gênero. As marcas do que é considerado ser menina e menino em nossa sociedade são representadas sobretudo em rosa e azul. A valorização social dos atributos de feminilidade e masculinidade se manifesta nestas cores e, por meio delas, são distinguidos os objetos e os espaços de convívio entre as crianças e delimitadas suas experiências àquilo que é considerado adequado ao seu gênero correspondente. Quando as crianças transgridem as fronteiras binárias de seus significados, muitas vezes o pânico moral aparece.

Meninas e meninos são submetidos/as a processos de valorização e de repulsa de certas cores, buscando agir conforme as expectativas e os estereótipos de gênero socialmente construídos. O concurso de Miss, representado nas lentes do filme analisado, é um desses lugares que expressa estas expectativas e o anseio das meninas em corresponderem aos padrões de feminilidade que serão rigorosamente avaliados.

A obrigação de “ser e parecer bonita”, atrelada a padrões socialmente aceitos como válidos, levam ao universo infantil da menina a antecipação de diferentes rituais de beleza. Para ganharem o concurso, precisam saber escolher as cores, as músicas, os gestos, os penteados e outros elementos visuais que servirão para construir o corpo feminino de sucesso. Desde muito cedo, as meninas são educadas a constranger seus corpos e a usar unhas pintadas, saltos altos, maquiagem, mechas coloridas nos cabelos e são incentivadas a consumir moda. As meninas aprendem ao longo de nossas vidas como devemos nos comportar, quais espaços não devemos ocupar, quais desejos e expectativas não devemos alimentar. Estranha-se quando elas não possuem estes comportamentos e atributos no rol de suas ações prediletas, quando seus corpos escapam das fronteiras desse modelo de feminilidade.

Procuramos, assim, problematizar as narrativas endereçadas ao seu público infantil as representações de identidade, diferença, magreza, da beleza, dos modos de ser e de ver e padrões de beleza feminina. Problematizar os contextos de reprovação, com base na representação de um corpo ideal e romantizado, buscando compreender a separação entre o ideal e o real (ANDRADE, 2021). A proposta é desestabilizar verdades, desconstruir conceitos e inquietar os olhares sobre as formas de culturas que são silenciadas.

A análise crítica que buscamos desenvolver não se esgota aqui. As lentes do cinema constituem uma possibilidade de pensarmos a educação, indagarmos o tempo presente e nos posicionarmos eticamente diante de fatos cotidianos aos quais somos expostos ou protagonizamos. Neste movimento, cabe-nos olhar para a amplitude de repertórios e gestos humanos que se desencadeiam nas relações com o outro e com o mundo, no contexto cultural, político e social em que vivemos (MARCELLO e FISCHER, 2011).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O cinema, em interconexão com o conceito de gênero, pode nos mover de um lugar para outro, transformar o lugar de onde se olha e de quem vê. Enxergar as infâncias plurais requer a análise relacional entre infância, gênero, idade, geração, raça, etc. ou seja, requer a análise da questão do poder contido nas relações que permeiam a vida das crianças (SILVA e FINCO, 2016).

Este movimento nos provoca a enxergar e compreender as linhas de fuga, as possibilidades de escapar, transgredir as fronteiras dos estereótipos de gênero. Pensar o quanto a corporalidade de Olive que escapa às correntes dos estereótipos femininos, ao mostrar que seus desejos, a capacidade de criar e recriar, de vivenciar situações inesperadas de formas inovadoras, também expõem aos adultos as possíveis urgentes possibilidades de transgressão da normatividade de gênero, assim como pensar no desafio do combate às diversas formas de violências contra os corpos femininos. A positividade das transgressões de gênero se traduz no modo como Olive resiste aos padrões preestabelecidos, não perdendo sua subjetividade, expressando seus desejos, inventando outras maneiras de ser feminina.

Vale lembrar que “no tortuoso caminho para tornar-se mulher, há uma menina” (BARBOSA, 2020, p.134). Ao refletir sobre a infância feminina nos dias de hoje, precisamos pensar sobre a rede de instituições e discursos

contemporâneos que engendram as meninas, ainda permeado pelo imaginário hegemônico que vincula a ideia de menina à inocência, à virgindade e à pureza.

O que temos enfrentado hoje é a propagação do termo “ideologia de gênero” por parte de movimentos e organizações reacionárias que defendem posições conservadoras em relação aos papéis de gênero atribuídos ao masculino e ao feminino, além da manutenção de um modelo patriarcal e tradicional de família. Escoltadas pelo discurso de proteção à família e às crianças, promovem a entendimento de que gênero desvirtua e instiga a sexualização das crianças, o estímulo à homossexualidade e a destruição da família (LEITE, 2019).

Discursos conservadores, ao reproduzirem as desigualdades de gênero, descrevendo normas e valores sobre quais espaços o feminino, a menina e a mulher devem ocupar na sociedade, possuem um falso slogan de proteção (BONFANTI e GOMES, 2018). O grave contexto político no país, caracterizado por diversas mudanças no campo das políticas públicas, ameaças aos direitos adquiridos, ações agressivas de grupos anti-direitos humanos na sociedade, aponta para as tentativas de silenciamento das discussões das questões de gênero na educação. Cabe o alerta para a necessidade de problematizar esta lógica capitalista patriarcal, que tem como objetivo manter os privilégios desses sujeitos da classe dominante, em geral, homem, branco, capitalista, rico e heterossexual e, por conseguinte, de suas famílias.

Em pleno século 21, as tentativas de cerceamento e os retrocessos no campo das políticas públicas no campo da educação e nas discussões de gênero e a defesa de que “menino veste azul e menina veste rosa”, nos deixam muitos desafios a serem enfrentados. O filme analisado, neste sentido, também traz sua contribuição para questionarmos estas premissas, ancoradas em um sentimento de pânico moral e em práticas discursivas que tentam silenciar as questões de gênero que atravessam os corpos e as vidas infantis e fomentam violências e desigualdades de gênero.

Destaca-se a necessidade de questionar os fatores que contribuem para a ocorrência da violência simbólica, as prescrições de valores e códigos culturais com base nos papéis de gênero e, portanto, as várias imagens de feminilidade e masculinidade veiculadas pela mídia (MARONE, 2013). Precisamos, de alguma forma, repensar a preponderância de modelos hegemônicos de vida (de ser), nos questionando a que perspectiva tal modelo corresponde e com que interesses, a partir da construção de um processo que envolve a educação crítica

dos elementos presentes na socialização de gênero, das mensagens rotulantes, da exposição diária de exemplos estereotipados, compartilhados, sancionados publicamente, os quais sinalizam lugares e papéis sociais. E evidenciar, assim, estratégias de resistência que contribuem para a construção de uma educação mais igualitária e menos sexista (FINCO, FARIA e GOBBI, 2015).

Atualmente temos uma gama de produções culturais que nos auxiliam nesse exercício para a construção de um olhar crítico de gênero para a infância, produções estas em que a transgressão das normas de gênero não pode ser entendida como novidade ou exceção. Relacionar gênero, infância e cinema, desse modo, apresenta-se como possibilidade de desconstrução, deslocamentos possíveis, movimentos reflexivos e o desafio da criação/invenção de um “outro lugar” para compreender as infâncias e nossas relações educativas com as crianças.

Assim, podemos aqui continuar outras reflexões acerca de como tais filmes representam ferramentas críticas para desconstrução de estereótipos: como podemos desconstruir essas imagens e tensionar as expectativas de gênero construídas desde a tenra infância? O grande desafio está em promover esse debate e ações junto às crianças, às famílias e às equipes docentes, oferecendo-lhes instrumentos para outras compreensões da imagem corporal e das formas de ser feminina, articulando ações para a valorização das identidades plurais e das diferenças de gênero.

REFERÊNCIAS

ABBATECOLA, Emanuela; STAGI, Luisa. **Pink is the new black**. Rosenberg & Sellier, Torino, 2017.

ALMEIDA, Milton. J. A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão. **Pro-Posições**, v. 10, n. 2, p. 9-25, 10 mar. 1999.

ANDRADE, Giane Rodrigues de Souza de. O corpo gordo na novela Carrossel e a Pedagogia Cultural. IN: ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo (Org.). **Como pode uma pedagogia viver fora da escola?** Estudos sobre pedagogias culturais. 1 ed. Londrina: Syntagma Editores, 2021, pp. 261-276.

BONFANTI, Ana Leticia Bonfanti. **Infâncias precárias: violência sexual contra meninas**, Edições Verona, 2020.



BONFANTI, Ana Letícia, GOMES, Aguinaldo R. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, 2018, p. 105-121, mai-out.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 206-219, 2012.

FINCO, Daniela e ROVERI, Fernanda. Questões de gênero na produção cultural para crianças IN: ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo (Org.). **Como pode uma pedagogia viver fora da escola?** Estudos sobre pedagogias culturais. 1 ed. Londrina: Syntagma Editores, 2021, pp. 119-164.

FINCO, Daniela; GOBBI, Márcia A. e FARIA, Ana Lúcia. **Creche e Feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil - ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas - FCC, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade exterior. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 47-57, agosto 2008. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200005&lng=es&nrm=iso. Acesso em 03 maio 2022.

BARBOSA, Karina Gomes. Leslie e Ofelia, meninas que ousam sair do quarto: espaço, feminilidade e corpo em Ponte para Terabítia e O labirinto do fauno. **Revista Mídia E Cotidiano**, 14(1), 2020, p. 133-156,.

GUIZZO, Bianca S. "**Aquele negrão me chamou de leitão**": representações e práticas corporais de embelezamento na educação infantil. Dissertação de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Revista Latinoamericana de Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 32 - ago. 2019, pp.119-142.

LOURO, Guacira L. Cinema e Sexualidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, RS, v. 33, n. 1, 2008a.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, mai./ago. 2008b.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 36, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/16944>. Acesso em: 5 jul. 2022.

MARONE, Francesca. L'Altro dei corpi. Cartografiedelsoggetto e violenzadigenere. **Pedagogia oggi**, n.2/2013, pp. 191-206.

PASTOUREAU, Michel; SIMONNET, Dominique. **Le petit livre descouleurs**. Paris: Éditions Points, 2005.

ROVERI, Fernanda Theodoro. **Criança, o botão da inocência**: as roupas e a educação do corpo infantil nos “anos dourados”. 2014. 190f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2014.

SABAT, Ruth. Filmes infantis como máquinas de ensinar. In: **Anais da 25ª reunião nacional da Anped**, Caxambu, MG: 2002.

SALGADO, Raquel Gonçalves; FERRARINI, Anabela Rute Kohlmann; LUIZ, George Moraes. Crianças mirando-se no espelho da cultura: corpo e beleza na infância contemporânea. In: **Anais da 35ª reunião nacional da Anped**, Porto de Galinhas, PE: Anped, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a *GenderandPoliticsOfHistory*. *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 3, p. 11-27, 2007.

SILVA, Adriana Alves; FINCO, Daniela. Cinema, transgressão e gênero: as infâncias de Baktay e Wadjda. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 933-959, abr. 2016.

Recebido em 07 de outubro de 2022

Aprovado em 02 de janeiro 2023